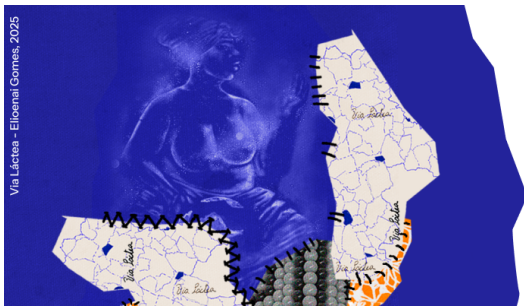




Festa da Música: Mixando Imagem e som

Festa da Música: Mixing Image and sound

Gabriel Rufino Santos do Nascimento¹

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

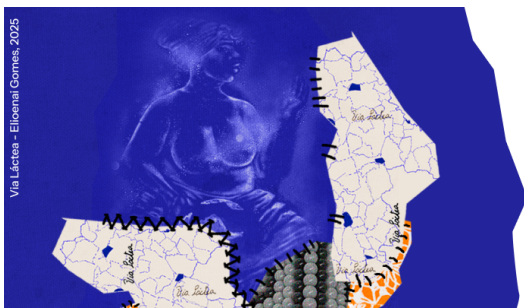
Resumo: O tema de pesquisa explora a construção de uma educação antirracista no Brasil, contextualizada pela herança colonial que impacta negativamente as populações negras até os dias de hoje. Fundamentado na ideia de que a luta por uma sociedade mais igualitária é antiga, e que diferentes temporalidades e culturas contribuíram para essa batalha. A não integração das populações negras à sociedade, perpetuou políticas de exclusão e marginalização como as manifestações culturais afro-diaspóricas, o blues e o samba, grafite e a arte popular, foram apropriadas e transformadas em produtos culturais consumidos pela elite dominante, muitas vezes apagando as contribuições originais. Assim, busco desenvolver materiais didáticos antirracistas, como jogos educacionais, para introduzir discussões sobre racismo estrutural e a herança colonial nas escolas.

Palavras-chave: Sample como colagem; Memória social; Educação decolonial.

Abstract: *The research theme explores the construction of anti-racist education in Brazil, contextualized by the colonial legacy that negatively impacts black populations to this day. Based on the idea that the fight for a more egalitarian society is old and that different temporalities and cultures have contributed to this battle. The lack of integration of black populations into society has perpetuated policies of exclusion and marginalization, as Afro-diasporic cultural manifestations, such as blues, and samba, graffiti and folk art, were appropriated and transformed into cultural products consumed by the dominant elite, often erasing their original contributions. Thus, I aim to develop anti-racist teaching materials, such as educational games, to facilitate discussions about structural racism and the colonial legacy in schools.*

Keywords: Sample as collage; Social memory; Decolonial Education.

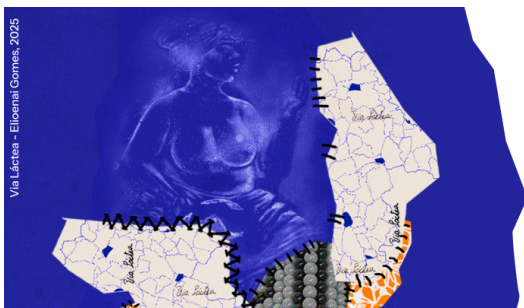
¹ Gabriel Rufino Santos do Nascimento é mestrando em Artes Visuais pelo programa de Pós-graduação em Artes (PPGARTES) na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Pesquisa sobre processos artísticos e metodologias no ensino de artes. É professor de artes e maker, Licenciado em Artes Visuais pela mesma Instituição. E-mail: Grufino07@gmail.com Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/3861734545600732> Rio de Janeiro, Brasil.



1 A pedra

É importante olhar para o passado, para introduzir o motivo da pesquisa, e entender que aqui, não teremos uma temporalidade física, material ou cronológica, isso aqui não nos interessa no momento. Essa história que conhecemos e que temos como uma só “verdade”, trouxe apagamentos, mas, como toda boa história, e aqui eu digo pensando a história como forma de narrativas, elas tem suas ramificações. Trazendo o pensamento de uma temporalidade espiralada e a sabedoria iorubá, o trabalho busca ser a pedra que exu jogou hoje para matar o pássaro de ontem. As batalhas que travamos para buscar uma educação anti racista e formar nossos estudantes não vem de hoje, visto que, o mundo colonial trouxe impactos observados até hoje por conta das políticas de violências físicas e simbólicas contra os povos originários, negros, mulheres e tantos outros. Gosto de utilizar três exemplos que servem para ilustrar o pensamento e guiar pela história essa batalha para tornarem-se culturas legitimadas: A rumba nas plantações de cana de Cuba, O blues das plantações de algodão dos Estados Unidos da América e nos E no samba das casas das tias no Rio de Janeiro .

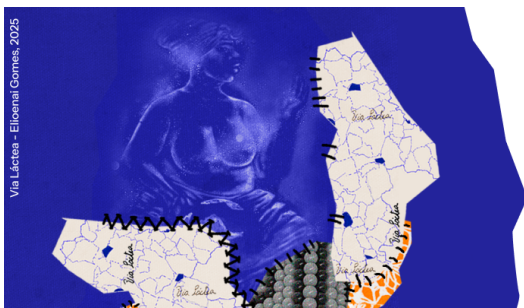
O ato de cantar, bater os pés para firmar um ritmo e dançar parte de uma motivação em comum, lembrar de casa, manter suas memórias vivas e perpetuar, atualizar suas tradições com os mais novos. A construção desses gêneros musicais não foi pacífico, e é claro, nunca será. Pois, elas passam por uma disputa pelo controle do capital cultural, gerando marginalização, ou como Pierre Bourdieu analisa, uma violência simbólica, violência essa que perpassa todos aqueles que estão de fora do campo. Este processo de silenciamentos perpetuou durante muito tempo, fez com que se criasse uma história unica, leis que proibiam os negros de frequentar locais de brancos, cultuar suas culturas, suas figuras precursoras e registros deixados de lado como uma figura secundaria ou “demonizada”. Tais leis foram ferramentas para legitimar esse processo colonial, Torna-se interessante observar como esse processo no final do século XIX e início do XX, produziu estes gêneros musicais tão parecidos em suas criações, mas, tão distintos visual e sonoramente ao mesmo tempo. O sociólogo Howard Becker, batiza como outsiders



ou estrangeiros, aqueles que se tornam um desviante por se opor às normas sociais impostas pelos grupos dominantes. O que pode ocasionar um afastamento por pessoas do mesmo grupo social, por sentirem medo de sofrer represálias. A figura do desviante ou transgressor é importante para pensarmos como devemos buscar novas visualidades, sonoridades e referências para trabalharmos as artes visuais em sala de aula. As temporalidades e localidades distintas do Blues, Rumba e Samba, se colam, contextualizam-se e descolam, voltando à sua temporalidade original. Como no pensamento de “aftermodernidade” de Okwui Enwezor, onde procura-se interconectar e aproximar as culturas do cenário global desconstruindo a visão eurocêntrica. Visto que a Europa encontra-se em uma crise estética, ainda cultuando a antiguidade em um mundo contemporâneo e multicultural.

Durante as nossas proposições artístico pedagógicas é fundamental que lançamos a primeira pedra, com algo que temos acesso no nosso cotidiano, para que desta forma o ensino possa ser mais prazeroso e haja uma maior facilidade para acessar os códigos. Em síntese, vamos do Hip-Hop ao Samba, analisando e contextualizando, trazendo debates sobre o racismo, facilidade de acesso à cultura, o processo de marginalização e tentativa de proibição das mesmas (Rodas de samba e capoeiras nos anos 20 e no contemporâneo rodas de rima e bailes funk). O trabalho não é destinado ao ensino de música, pelo contrário, é uma forma de se observar o ensino de forma mais contextualizada, esta “roupagem” foi minha estratégia para trabalhar com os jovens da região metropolitana do Rio de Janeiro. Entretanto, podemos utilizar dos mais diversos temas para introduzir a problemática da única narrativa, desde a diminuição da diversidade de alimentos consumidos devido ao capitalismo e o agronegócio, até os artistas que receberam o termo *naif* ou popular para rebaixá-los.

O papel do “popular” na cultura popular é o de fixar a autenticidade das formas populares, enraizando-as nas experiências das comunidades das populares das quais elas retiram seu vigor e nos permitindo vê-las como expressão de uma vida social subalterna específica, que resiste a ser constantemente reformulada enquanto *baixa e periférica*” (HALL, 2003:p.341).

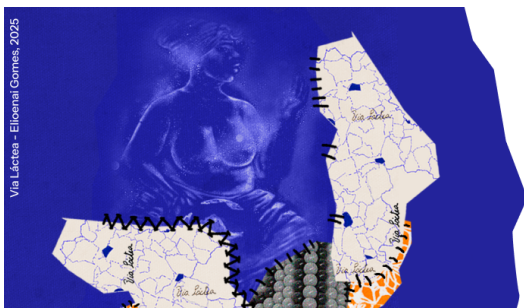


2 Miseducating, Sample e suas encruzilhadas.

O processo da pesquisa no cotidiano serve como uma encruzilhada para o que são as anti disciplinas, elas atuam como contraposição ou ponte para os saberes institucionalizados. O pensamento de Lauryn Hill, cabe muito bem, precisamos passar por uma Miseducation (Deseducação), para ela essa palavra significa o ato de aprender com a experiência, a vida e o cotidiano, que muitas das vezes vai na contramão do saber escolarizado e causa conflitos. Conflitos esses que são totalmente bem vindos. Para a prática da deseducação, os saberes de “rua” são fundamentais para a construção do conhecimento contemporâneo, temos que entender que ao conectar a experiência de vida dos nossos estudantes ajuda os a formar sujeitos críticos. Esta encruzilhada é um local que podemos destruir certezas construídas no passado e tornar possível novas epistemologias como Luiz Rufino diz. Aqui o objetivo principal é através do processo da troca, se libertar da “cultura supremacista branca” como teoriza Hooks.

Ainda que a vontade de ver o fim do racismo seja um aspecto positivo da nossa cultura, paradoxalmente é esse desejo sincero que subjaz à persistência da falsa noção de que o racismo acabou, de que esta não é uma nação supremacista branca. Em nossa cultura, quase todo mundo, não importa a cor da pele, associa a supremacia branca ao fanatismo conservador extremo, com os skinheads nazistas que pregam todos os velhos estereótipos do racismo puritano. Mesmo assim, esses grupos extremistas raramente ameaçam nosso cotidiano. São as crenças e os pressupostos supremacistas brancos menos extremos, mais fáceis de disfarçar ou mascarar, que mantêm e disseminam o racismo diário como forma de opressão de um grupo. (hooks, 2022, p.50)

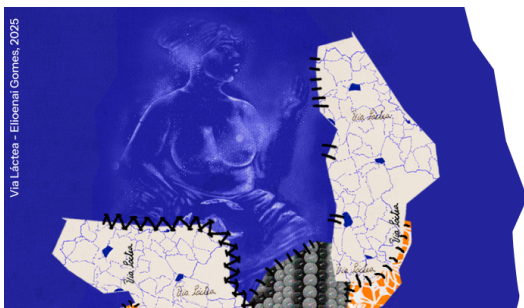
O processo de dialogar uma imagem com uma música, me acompanha desde a graduação em artes visuais, e tornou parte do meu processo criativo, metodológico e artístico, entretanto achar um nome para isso era complicado, e vendo como outros pesquisadores que trabalham com essas mesmas questões, cada um batiza o seu da forma com que acha mais pertinente, cruço, teia, encruzilhada ou espiral, e é a partir daí que surge o “Sample” o sample é uma forma de preservação cultural, onde é retirado ou fragmentado, um trecho de uma música e colada em outra para



criar uma nova sonoridade. Geralmente as novas gerações acabam conhecendo esse fragmento do passado a partir de uma nova releitura, roupagem e etc. Esse sistema de colagem serve como uma conexão entre mundos, ligando o passado presente e futuro. O trabalho do DJ é como o de um griô, sampleando as informações das culturas do passado, ditando a duração e velocidade com que as histórias são contadas, um editor do tempo. Desta forma, podemos trabalhar o sample conhecendo o passado a partir do que o contemporâneo produz sobre ele. Contextualizando para a realidade de hoje, e reduzindo um pouco a dificuldade de acessar os códigos que acabam se perdendo com os avanços geracionais. Analisando pela ótica de Pierre Bourdieu, aqui esse processo é a passagem de capital cultural incorporado, pois ele necessita um certo tempo e uma abertura dos repertórios culturais. Por isso torna-se cada vez mais necessário utilizar as referências tangíveis para nossos educandos, cruzando, colando com as nossas. Ao fazer isso criamos múltiplos caminhos, explorando a ideia de ludicidade das relações humanas e o aprendizado ativo. *“A procura é bem mais importante que a batida perfeita”*.

As encruzilhadas apontam múltiplos caminhos, outras possibilidades. Assim a compreensão acerca da política emerge também como um saber na fronteira, arraigando os espaços vazios, praticando as dobras da linguagem e escapando dos limites propostos por razões totalitárias. Por aqui, a poética é política, emergem outras formas de dizer que reivindicam outro senso. (RUFINO, 2019 - p 82)

Ter uma bagagem de informações para acessar os conteúdos presentes em uma determinada proposição artística, seja ela uma pintura, filme, música e fazer as conexões entre referências, releituras e temporalidades. Os códigos historiográficos e estéticos, são igualmente importantes para a produção criativa, visto que, a aula de artes torna-se cada vez mais necessária torná-la ativa, passando por um processo de ideação, onde discutimos sobre determinado assunto ou planejamos, o momento de produção e por fim o que podemos refletir sobre isso. Analisando a “criatividade” como um músculo, sem o esforço necessário ela pode atrofiar-se. Por isso, essa natureza de interação entre docentes e discentes me distancia de pautar

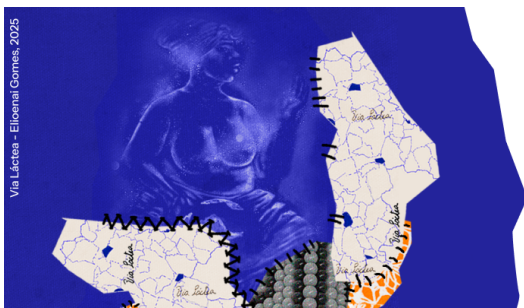


a aula de arte apenas no conhecimento historiográfico, e tornar o conhecimento e a produção artística como bancário ou apenas fazer por fazer. O ambiente do ateliê-sala de aula não é para formar artistas na educação básica, mas sim, seres observadores e críticos.

A natureza da interação e da comunicação entre os professores e alunos é central porque os professores têm que estabelecer *pontes* entre o que se considera ser importante e o complexo mundo dos alunos (por exemplo, o que eles são, o que eles sabem, como pensam, como aprendem, o que sentem e como sentem). (FERNANDES, 2008, p. 356)

Para trabalhar o movimento tropicalista e que existem outras formas que os artistas podem trabalhar além de quadros, cinema, esculturas. Propus uma atividade de criação de capas de disco, trouxe a arte produzida por Maxwell Alexandre produzida para o disco Gigantes do Rapper BK. Alguns estudantes conheciam o trabalho de Alexandre pela capa do BK. Em seguida, apresentei algumas releituras de capas famosas com personagens de animações japonesas do artista Paulo Victor, conversando sobre estéticas, muitas imagens das animações tinham poses parecidas ou iguais às das capas. Por fim, chegamos nas tendências estéticas das capas como o minimalismo, fotografias, a era psicodélica e o tropicalismo. Partimos da área comum ou do cotidiano para chegar no objetivo, apresentei as capas do artista Albery Seixas, incluindo a capa de Jorge Ben (1969), essa capa em especial aqui no Rio de Janeiro sempre causa um certo burburinho por conta do escudo do Flamengo. Depois de adquirir esse capital cultural eles partiram para produzir suas capas comunicando ao mundo o que eles gostam, remixando capas que eles não gostavam achavam esteticamente feias. Durante nossas conversas surgiram os mais diversos temas como violência policial, feminismo, racismo e imperialismo. Além de descobrir mais sobre o que eles gostavam e apresentar referências novas, criamos uma playlist para tocar enquanto fazemos o trabalho.

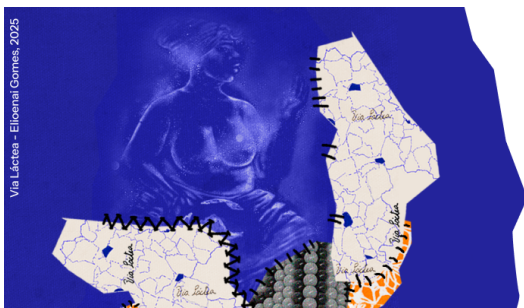
A metodologia da batida perfeita é alinhar o contemporâneo alinhado às nossas raízes culturais, desta forma, acho importante sempre olhar o passado para brincar com as tramas e temporalidades como o “neo-samba” mistura o grave da bateria digital com a tradicional do samba e terreiros. Segundo Simas e Rufino, o tempo é



“flecha”, local de memória, visita e resistência, mas também de reinvenção, presente e futuro.

A educação como prática de liberdade é um jeito de ensinar que qualquer um pode aprender. Esse processo de aprendizado é mais fácil para aqueles professores que também creem que sua vocação tem um aspecto sagrado; que creem que nosso trabalho não é apenas o de partilhar informação, mas sim o de participar do crescimento intelectual e espiritual dos nossos alunos. Ensinar de um jeito que respeite e proteja as almas dos nossos alunos é essencial para criar as condições necessárias para que o aprendizado possa começar do modo mais profundo e íntimo. (hooks, 2017, p. 25) .

A resistência a mudanças no ambiente escolar pode tornar-se uma barreira para nós educadores e pesquisadores, seja pela falta da compreensão da importância de uma diversidade cultural, intolerância cultural ou religiosa. Contudo, as inserções de políticas públicas e leis como a 10.639/03 que tornou obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira em sala de aula, servem para tentarmos sair desta lógica colonial. Outro ponto que é importante abordar estes temas em sala de aula é a auto identificação e a possibilidade de se enxergar ali na obra, não da forma como se é enxergado no jornal, com as operações policiais, guerra contra o tráfico e outras violências, como diz a letra de “Fórmula mágica da paz” “Ih, mano toda mão é sempre a mesma ideia junto: Treta, tiro, sangue, aí muda de assunto”. Ter outras possibilidades ajuda muito na construção da auto estima, e de um imaginário periférico, que nos cruza todos os dias, mas não está nos cartões postais das nossas grandes cidades. Esse processo está ligado diretamente aos estudos de limbos identitários, processos de auto ódio, necropolíticas de Mbembe e Juvenicídios de José Manuel Valenzuela, . Não estou propondo uma substituição de nomes, até porque isto não resolveria o problema do racismo estrutural e a cultura supremacista branca. Devemos tratar a imagem como local de política e local de pertencimento, pois de forma sutil todo esse sistema continua mascarando e disseminando o racismo diariamente. Não podemos ficar apenas na superficialidade reproduzindo as mesmas imagens, identidades e estereótipos. Vale ressaltar a importância também de se conhecer os rostos por trás da obra, para isso criei o jogo “Festa da Música”, um jogo de perguntas e respostas onde ganha quem acertar a personalidade com

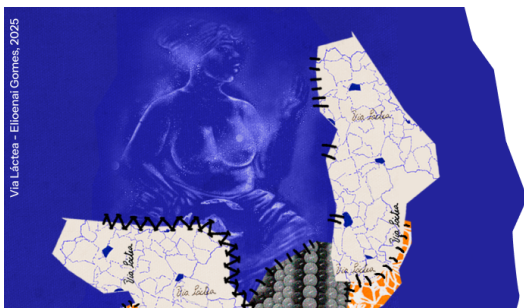


menos perguntas. As perguntas têm três fases, uma sobre as características físicas, outra sobre o gênero musical e uma pergunta bibliográfica.

A partir de uma pesquisa sobre o pixinguinha e o choro para uma aula, decidi fazer um recorte dos diversos gêneros musicais de origem afro-brasileira, começando pelo choro em seguida para sua ramificação o samba, rap, funk, forró e assim sucessivamente. Durante a pesquisa selecionamos 24 nomes, 12 homens e 12 mulheres com a preocupação de trazer um nome “desconhecido” e outro popular. A ideia era traçar paralelos temporais, como as referências que alguns artistas traziam ou por continuar o trabalho na contemporaneidade, como Marcelo D2 e Bezerra da Silva e Larissa Luz e Elza Soares. Entretanto os artistas que fizeram sucesso em seu determinado tempo e atualmente estão em outras ocupações. O nome festa da música vem da canção de Gabriel Pensador, onde ele compila diversos artistas em um show fictício. O funcionamento do jogo é parecido com o jogo “cara a cara”. Um jogo de perguntas e respostas relacionadas às características físicas da pessoa. Todavia, modifiquei as regras para ser algo além das faces e acessórios.

Em sala de aula começamos a discutir sobre o a figura do pixinguinha, e falando sobre o racismo que ele sofreu em sua época, e conversamos sobre o racismo velado, quando pixinguinha e os oito batutas voltam da França após o grande sucesso que fizeram levando a música brasileira, ele vão fazer um show no Rio de Janeiro (1928), um show onde eles seriam homenageados, entretanto os músicos negros do grupo tiveram que entrar pelas portas dos fundos pois não se aceitava que negros entrassem pela porta principal. com isso surgiu a comparação entre os movimentos de segregação racial como o apartheid na África do Sul e a lei Jim Crow nos Estados Unidos. No Brasil não tivemos uma política de segregação racial tão explícita quanto nestes dois Países, onde existiam banheiros, bebedouros e escolas para negros, mas a política pública do Brasil fez questão de promover a imigração de Europeus, proibir os negros libertos de voto, de executar suas culturas fé com o decreto dos *Vadios e Capoeiristas*, neste decreto proibia os negros andarem com instrumentos musicais como pandeiros e a prática da capoeira.

Como dito anteriormente, adicionei três possibilidades de perguntas : Primeira rodada, são perguntas relacionadas a bibliografia, em seguida uma característica

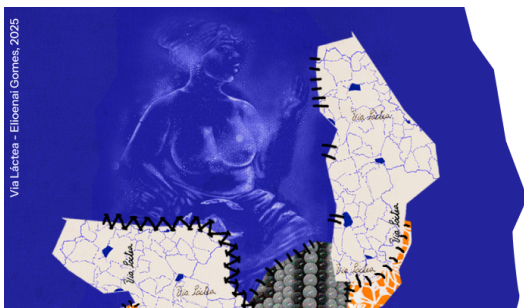


física por fim gênero musical ou música mais famosa. Após toda a estrutura do jogo montada, ainda faltava a parte visual do material didático, produzir o design das cartas de personalidade e as cartas biográficas. Para jogar é necessário pegar uma carta de biografia na pilha de cartas pois você necessitará saber quem é que a outra pessoa irá tentar acertar e assim sucessivamente. Nessas cartas há também informações sobre o gênero musical e músicas mais famosas, e um QR code apontando para um álbum famoso deste artista. Para desenhar os rostos, um amigo e professor chamado Felipe Coutinho se voluntariou para desenhar as personalidades. Com isso apresentamos o trabalho no mês da consciência negra no colégio de aplicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (CAPUERJ).

3 **MPB e futuros desdobramentos.**

Após a apresentação do jogo foi necessário uma reformulação para que ele torna-se um material didático prático ou palpável para ser distribuído, uma vez que a necessidade de um tabuleiro e pequenas peças faz com que a produção do mesmo fique mais custosa. Por isso cheguei a uma conclusão: transformar ele em um jogo da memória, ou um “jogo de memórias”. Para isso é claro foi preciso mudar as cartas e um pouco das regras do jogo, todavia, transformá-lo em um jogo da memória ajuda também em facilitar a expandir as personalidades para mais representantes, assim “remixando” a ideia do jogo e criar novas ideias misturando os artistas com as capas de disco.

A pesquisa encontra-se em aberto, ouvindo as críticas e as sugestões para melhorar o jogo. Com isso, busco adicionar novas possibilidades à discussão sobre a herança colonial no Brasil e suas problemáticas como o racismo estrutural. Abordar discussões como essas em sala de aula ajuda a promover a auto identificação e o sentimento de pertencimento a uma cultura ou localidade. A criação de materiais didáticos e jogos ajudam no ensino gamificado, promovendo um primeiro contato com as questões do texto e são uma abordagem pedagógica que podem ajudar estudantes com dificuldade de aprendizado.



REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. *Economia das trocas simbólicas*. 8ª edição. São Paulo: Perspectiva, 2015. 361 páginas.

FERNANDES, Domingos. *Para uma teoria da avaliação no domínio das aprendizagens*, São Paulo, Brasil, v. 19, nº 41, pp. 347-372. Disponível em: <<https://repositorio.ul.pt/handle/10451/5526>>. Acesso em 18 agosto de 2025.

hooks, bell. *Ensinando a Transgredir : A educação como prática de liberdade*. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2017. 288 páginas

_____. *Olhares Negros - Raça e Representação*. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

_____. *Ensinando comunidade: Pedagogia da Esperança*. São Paulo: Editora Elefante, 2022. 300 páginas

LOPES, Ney & SIMAS, Luiz Antônio. *Dicionário da História Social do Samba*. 2ª Edição Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017. 336 páginas.

SIMAS, L. A; RUFINO, L. *Flecha no Tempo*. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019. 112 páginas.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. Arte & Ensaios, Rio de Janeiro, n.32, p. 123-151, dezembro, 2016 Disponível em: <<https://www.procomum.org/wp-content/uploads/2019/04/necropolitica.pdf>>.

RUFINO, Luiz. *Pedagogia das Encruzilhadas*. Rio de Janeiro: Mórula editorial, 2019. 164 páginas